

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 28\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

JOÃO CLAPP .	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
MUNDO INTERIOR	Machado de Assis.
O CONTRABANDO	Arthur Azevedo.
ACTUALIDADES	Gavroche.
GUILHERME DE AGUIAR	A. A.
TARDE	A. Peres Junior.
A MORTALHA DE ALZIRA	Cosimo.
CHANSON	E. Le Mouel.
A' « SEMANA »	Cosimo.
O SORRISO	A. J. Teixeira Lopes.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

VISCONDE DE ALVARENGA

JOÃO CLAPP

O cidadão benemerito, cujo retrato honra hoje a galeria do *Album*, nasceu na heroica provincia do Rio Grande do Sul, em 1º de Março de 1840. E' filho legitimo do norte-americano Agostinho Clapp e de D. Anna de Jesus Clapp.

Tendo completado os seus estudos n'esta capital, aonde se transferio com toda a sua familia em 1851, dedicou-se á carreira commercial.

Deve-se-lhe a fundação da Caixa Economica Perseverança Brasileira, instituição de credito que prosperou a ponto de fazer emprestimos ao governo, sendo mais tarde forçada a liquidar pela pressão de um gabinete escravocrata, em virtude das ideias abolicionistas do seu fundador e director, que tinha ainda contra si o ser republicano exaltado, ter sido, ao lado de José Maria do Amaral, Limpo de Abreu e outros, fundador do primeiro club de propaganda republicana que aqui houve, e ter feito parte do directorio geral do partido.

João Clapp logrou, entretanto, a grande satisfação, o violento prazer de assistir, ao lado de

Deodoro da Fonseca e de Benjamin Constant, á proclamação da Republica em 15 de Novembro de 1889, e foi um dos signatarios do auto de compromisso do Governo Provisorio, firmado no dia seguinte perante a Camara Municipal, reunida para sancionar o memoravel acto politico da vespera.

No periodo da organização republicana do Estado do Rio de Janeiro, occupou o cargo de presidente da Intendencia Municipal de Nictheroy.

Depois, desenvolvendo a actividade febril que é a sua virtude mais caracteristica, foi um dos fundadores do Banco do Povo e da Companhia Cidade da Gavea, empreza de muito futuro, a que se tem dedicado com perseverança e patriotismo.

E' estabelecido nesta praça com uma casa commercial, em que se associou a dous dcs sete filhos nascidos do seu feliz casamento com D. Joanna Jardim, realisado em 9 de Agosto de 1862.

*

Mas onde o vulto de João Clapp se destaca é na gloriosa campanha abolicionista. A historia do Brasil reserva-lhe sem duvida uma pagina de honra, em que elle figurará ao lado de José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Ferreira de Menezes e outros valorosos soldados da grande ideia.

Desde os primeiros momentos, na imprensa sem ser jornalista, na tribuna sem ser orador, na praça publica sem ser tribuno, nos tribunaes sem ser advogado, João Clapp lutou, lutou, lutou, offerecendo o peito descoberto a todos os perigos, a todos os rancores, a todas as vinganças, a todas as calumnias ! Nunca houve agitador politico ou religioso mais convencido da sua causa nem mais escravizado aos seus sentimentos !

Fundou a Escola e o Club de Libertos de Nictheroy, creou... Mas aonde me levaria a enumeração de todos os serviços que elle prestou á liberdade?... de todas as pedras que elle carregou para os alicerces do fulgurante edificio cuja cumieira foi posta pela condessa d'Eu em 13 de Maio de 1888 ?

Para assegurar a João Clapp um lugar de honra na chronica da liberdade, basta lembrar que, em

assembleia geral de todas as sociedades abolicionistas do Rio de Janeiro, elle foi eleito presidente da legendaria Confederação Abolicionista, instituição que formava o laço de união da propaganda libertadora no Brasil e na Europa. Exerceu o honrosissimo cargo em todo o periodo da existencia d'essa formidavel agremiação.

Finalisamos, repetindo o que dissemos ao commear este artigo : João Clapp é um cidadão benemerito. Honra lhe seja.

AMARANTE.

CHRONICA FLUMINENSE

21 de Outubro.

Ferreira de Araujo lavrou dous... Dous?... lavrou uma infinidade de tentos com o seu bellissimo artigo concitando o eleitorado a não abandonar as urnas para as eleições que se deviam realizar de hoje a nove dias, foram agora sabiamente adiadas para dezembro, e das quaes dependem o restabelecimento da paz e o futuro da Republica.

Esse artigo, que produziu magnifico effeito, devia ser impresso em avulso aos milhares, e distribuido pelo paiz inteiro : é convincente, é logico, é patriotico, d'esse patriotismo frio e desapaixionado, que eu quizera ver dominando toda a nossa imprensa diaria.

No momento angustioso que atravessamos, a abstenção do voto é mais que um erro, é um crime de lesa-Patria. Maldito seja o brasileiro que, sob o protexto do estado anormal em que nos achamos, renunciar ao direito de escolher entre os seus compatriotas aquelles a quem lhe parece que devam ser confiados os destinos da Nação ! Maldito seja o brasileiro que sacrificar aos seus commodos, aos seus receios e á sua inercia, esse direito que as actuaes circumstancias transformam em dever de honra, indeclinavel e sagrado !

A's urnas, cidadãos !

*

Emquanto nas aguas da formosa Guanabara um almirante brasileiro dá ao mundo o vergonhoso espectaculo a que assistimos vae para dous mezes, a velha França recebe com ruidosas e brilhantes festas a esquadra russa ancorada em Toulon.

*

Infelizmente esses festejos de paz e alliança foram nublados por dous tremendos lutos : a França acaba de perder Mac-Mahon e Gounod. Morreu o glorioso heróe de Magenta ; morreu o glorioso autor do *Fausto*, a musica mais inspirada, mais bella, mais suggestiva que ainda se escreveu.

*

Nós tambem por cá tivemos os nossos mortos : o velho professor James Hewitt, que deixou uma traducção (boa, dizem) dos *Luziadas*, e o ex-senador Silveira da Motta, parlamentar da tempera antiga, grande abolicionista, liberal do velho regimen, e que, depois do 15 de Novembro, teve o bom senso de se metter em casa e não figurar no carnaval politico, disfarçado em republicano.

A.

MUNDO INTERIOR

Ouço que a natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
Do sol á ultima luzerna.

Ouço que a natureza — a natureza externa —
Tem o olhar que seduz e o gesto que intimida,
Feiticeira que ceva uma hydra de Lerna
Entre as flores da bella Armida.

E comtudo, se fecho os olhos e mergulho
Dentro em mim, vejo á luz de outro sol outro abysmo,
Em que um mundo mais vasto, armado de outro orgulho,

Róla a vida inmortal e o eterno cataclysmo,
E, como o outro, guarda em seu ambito enorme
Um segredo que atráe, que desafia e dorme.

MACHADO DE ASSIS.

O CONTRABANDO

A VALENTIM MAGALHÃES

I

Geraldo casou-se muito novo, em 1871, aos vinte annos, e enviuvou aos trinta. Solteiro, foi um menino turbulento ; casado, era um moço alegre ; viuvo, tornara-se um macambuzio.

Foi para o pobre rapaz um golpe terrivel e esmagador a morte da esposa querida, excellente senhora, bonita e bem educada, mais nova dous annos que o marido. Elle morreria tambem, se em 1874 não lles houvesse nascido uma filhinha.

Orpham e sem parentes, Geraldo vive hoje apenas para essa criança, que vae fazer dezeseite annos e é linda como os amores. Não a tem comsigo, mas no proprio collegio, em que a mandou educar e de onde não a tirou ainda por não ter a quem confial-a.

Aos domingos almoça e janta com ella ; vae pela manha buscar-a ás Lorangeiras, e tral-a para casa, em S. Christovam, depois de ouvirem ambos a missa das dez na matriz da Gloria. A' noite leva-a para o collegio.

N'esses dias a casa do viuvo — o convento, como lhe chamam os visinhos — transforma-se ; as janellas abrem-se, o piano desperta os echos adormecidos da sala, e ha flores por toda a parte. Depois que a menina sae, a casa readquire o seu aspecto sombrio e monastico.

Nos outros dias Geraldo consola-se da ausencia de Margarida — é este o nome d'ella — esquecendo os olhos na contemplação do seu retrato, uma grande photographia recente, emoldurada, que enfeita e alegre a parede da sala, por cima do piano.

Infelizmente o viuvo não possui o retrato da morta, mas a filha parece-se tanto com a mãe, que a imagem de uma é bastante para aproximar-o mentalmente de ambas, e confundil-as no mesmo carinho e na mesma saudade.

Geraldo é funcionario publico. Ergue-se muito cedo, toma o seu banho frio, lê os jornaes e almoça. Depois do almoço vae para a sua repartição, de onde sae ás tres horas. Atravessa vagarosamente a rua do Ouvidor, parando defronte das *vitruines*, sem fallar a ninguem, comprimentando apenas os raros conhecidos que encontra. A's cinco horas está em casa ; janta, accende um charuto — fumar é o seu unico vicio —, e vae passar duas horas sentado n'uma poltrona, contemplando o retrato da filha. A's oito horas recolhe-se ao gabinete e lê até as onze. Deita-se então, e péga immediatamente no somno. A's vezes vae buscar Margarida, leva-a ao theatro lyrico, e acompanha-a ao collegio depois do espectáculo, — mas isso é raro.

Além d'elle, ha em casa uma cosinheira que dorme fóra, e um famulo portuguez, o José, homem de confiança, que accumula as funções de criado de quarto, copeiro e jardineiro. Geraldo faz questão do jardim por causa dos domingos : Margarida gosta de flores.

II

Estamos n'uma tarde de Março de 1891. Geraldo dá um dos seus passeios habituaes pela rua do Ouvidor ; pára defronte da *vitruine* do Preço Fixo, e sente alguém pousar-lhe as mãos nos hombros. Volta-se, e reconhece o Tavares, que fóra seu discipulo no collegio Marinho, — um grande estroina que se ensaiou sem resultado em tres ou quatro profissões diversas, e tem agora muito dinheiro, ganho na rua da Alfandega em transacções da Bolsa.

— Oh, Geraldo, andava morto por encontrar-te ! Ia escrever-te amanha...

— Estou ás tuas ordens.

— E's ainda muito urso ?

— Sou e serei. Bem sabes que ha dez annos, desde que perdi minha mulher, perdi tambem toda a alegria, e só me comprazo na solidão e no silencio. Se me encontras na rua do Ouvidor, é porque, depois de azoínado por este bullicio, acho ainda mais deliciosa a paz do meu tugurio.

— Bem, mas vaes sacrificar-me um dia, um dia só, d'esse isolamento em que te comprazes : has de jantar commigo quinta-feira !

— Eu ? !

— Tu, sim ; n'esse dia faço quarenta annos, e quero reunir á mesa alguns amigos da minha idade.

— Sabes lá o que dizes, desgraçado ! Os meus quarenta annos iriam ensombrar os seus ! Pois queres á tua mesa um contemplativo, um urso, como tu mesmo me classificas ?

— Faça questão de tua presença !

— Não ! não vou ! não contes commigo ! Ha dez annos que janto sosinho, ou, quando muito, em companhia de minha filha !

— Ha dez annos que não jantas...

— Gósto de ti, sou teu amigo, considero-te muito, mas não terei o menor prazer n'esse jantar de annos.

— Oh, grande typo, sê mysantropo, mas — que diabo ! — não sejas d'esse modo egoista ! Não se trata do teu prazer mas do meu, entendes tu ? Exijo um sacrificio de tua parte, bem sei ; mas, como te declaras meu amigo, tens o dever de te submeteres á minha vontade ! Vens a contra gosto ?... que bem me importa !... o essencial é que venhas ! Quem te mandou ter quarenta annos ? Agora aguenta-te !

III

Na quinta-feira aprazada Geraldo sahio da repartição ás horas do costume e foi direito para casa. Não se calcula o espanto da cosinheira e do José quando o patrão lhes disse : Janto hoje fóra.

O macambuzio foi para o seu quarto, mudou de roupa, lançou um olhar saudoso ao retrato da filha, e sahio.

Uma hora depois entrava em casa do Tavares, em Botafogo, e cahia-lhe a alma aos pés : na sala, sentados aqui e alli, fazendo roda ao dono da casa, estavam quatro sujeitos e cinco mulheres elegantemente vestidas, empoadas, pintadas e cheias de joias e brilhantes.

Geraldo estacou entre os umbraes da porta e teve um movimento retroactivo em presença de tantas *cocottes* ; mas o Tavares desprendeuse dos braços de uma d'ellas, a mais bonita, e foi buscar-o com um abraço.

— Bravo ! Cá está o homem ! Agora não falta mais nenhum ! Estão reunidos seis amigos de quarenta annos. Nascemos todos em 1851. — Conhecem-se ?

Dos quatro sujeitos, Geraldo apenas conhecia um, o Eduardo Tavora, doutor em medicina, que fôra tambem seu condiscipulo no collegio Marinho. O Tavares apresentou-lhe os outros: o visconde do Sabugal, opulento banqueiro que ha seis annos ainda era moço de padaria, — o doutor Bandeira, advogado,—e o Motta, um rapaz portuguez muito activo mas muito pandego, que tinha deitado fôra duas fortunas, e desfructava agora a terceira, que era a maior.

Seguiu-se a apresentação das *cocottes*. O Tavares principou pela mais bonita:— Mademoiselle Georgina, madame Tavares até amanhan alli pelas onze horas o mais tardar; uma pariziense que nunca poz os pés em Pariz; nasceu e cresceu em Bordeaux, e de lá veio o anno passado, contractada para as Folies-Bergère do becco do Imperio. Não falla uma palavra de portuguez e não tem medo da febre amarella.

Geraldo complimentou mademoiselle Georgina com muito acanhamento.

— Conchita e Mercedes, ambas hespanholas de Buenos-Aires, como a outra é pariziense de Bordeaux,—duas moscas varejeiras, attrahidas pelo mel do Encilhamento dos *macaquitos*. — A Sinhá, uma paulista que deu volta a todas as cabeças em S. Paulo e está conquistando todos os corações na Capital Federal.—Angelina— *chapeau bas!* —, a italiana mais bonita que tem pisado terras de Santa Cruz!

E baixinho, ao ouvido de Geraldo :

— E' das nossas. Nasceu tambem antes do Golpe de Estado...

O viuvo estava atordoado. Elle apertára a mão ás cinco mulheres, e cada uma d'ellas lhe impregnára um perfume diverso.

Chamou o Tavares ao vão de uma janella, e disse-lhe:

— Armaste-me uma cilada. Vou fazer triste figura entre essas typas. Não sirvo para isto.

— Ora deixa-te de luxos ! Que mal podem ellas fazer-te?

— Nenhum.

— Mandei buscar-as para enfeitarem a meza. Faze de conta que são flores...

— Que flores !...

— Ellas são cinco e nos somos seis. Sobra um, que és tu. Uma vez que o genero não te agrada, fica isolado. Tu'alma tua palma.

A's sete horas passaram todos á sala de jantar. Os cavalheros deram o braço ás damas. Geraldo ia sosinho, no couce d'esse batalhão de Cythera.

A meza, uma meza circular, de doze talheres, resplandecia entre flores e fructos, n'uma profusão de luzes que se reflectiam nos christaes multicores.

O Tavares sentou-se entre a franceza e a italiana; o visconde ficou entre esta e a Conchita, e junto da Conchita o Motta, e ao pé do Motta ó nosso Geraldo, que deixou entre si e a Mercedes uma cadeira vasia; junto da Mercedes ficou o dcutor Ban-

deira, tendo á sua direita a Sinhá, e entre esta e mademoiselle Georgina tomou logar o doutor Tavora.

O Motta protestou contra a cadeira vasia:

— Isto não está direito: somos seis homens e cinco senhoras!

— Estamos no Paraguay! exclamou o doutor Tavora.

— Uma semsaboria, obtemperou o Tavares; madame Bertin ficou de trazer seis raparigas e só trouxe cinco. Eu pul-a immediatamente a andar, e disse-lhe que não voltasse aqui sem a sexta. Conto que a traga. Se vier, ha de sentar-se alli, entre o Motta e o Geraldo.

Acabada a sopa, discretamente regada por um delicioso Madeira secco, abriu-se uma porta e appareceu na sala a figura encarquilhada da tal madame Bertin, uma franceza que brilhou entre o mulhero galante do Rio de Janeiro de 1855 a 1860, e exerce agora a ignobil profissão de medianeira de amores faceis.

A entrada da velha foi ruidosamente acolhida com palmas batidas por vinte mãos, que vinte e duas seriam se Geraldo não se abstivesse d'essa manifestação.

— Mas que é isto ?... a senhora veio só?!... perguntou o Tavares, arregalando uns olhos furibundos.

— Não ; ella está na saleta ; é ainda muito acanhada.

O Tavares ergueu-se e foi á saleta. Voltou, conduzindo pela mão uma rapariga morena, muito euvargonhada, com os olhos postos no chão, e tão nova, tão nova, que certamente não tinha ainda vinte annos.

— Foi o que pude encontrar, ponderou madame Bertin durante a curta ausencia do Tavares.

— Passe para a outra cadeira, disse logo o Motta a Geraldo; a pequena deve ficar sentada entre nós dous. Entretenha-se o amigo com ella, porque eu cá estou muito occupado com a Conchita.

Geraldo obedeceu enfiado, e o Tavares conduziu a recémchegada até a cadeira que ficou vasia.

— Quanto á senhora, disse o Tavares retomando o seu logar e dirigindo-se a madame Bertin, vá lá para a copa; coma e beba á vontade !

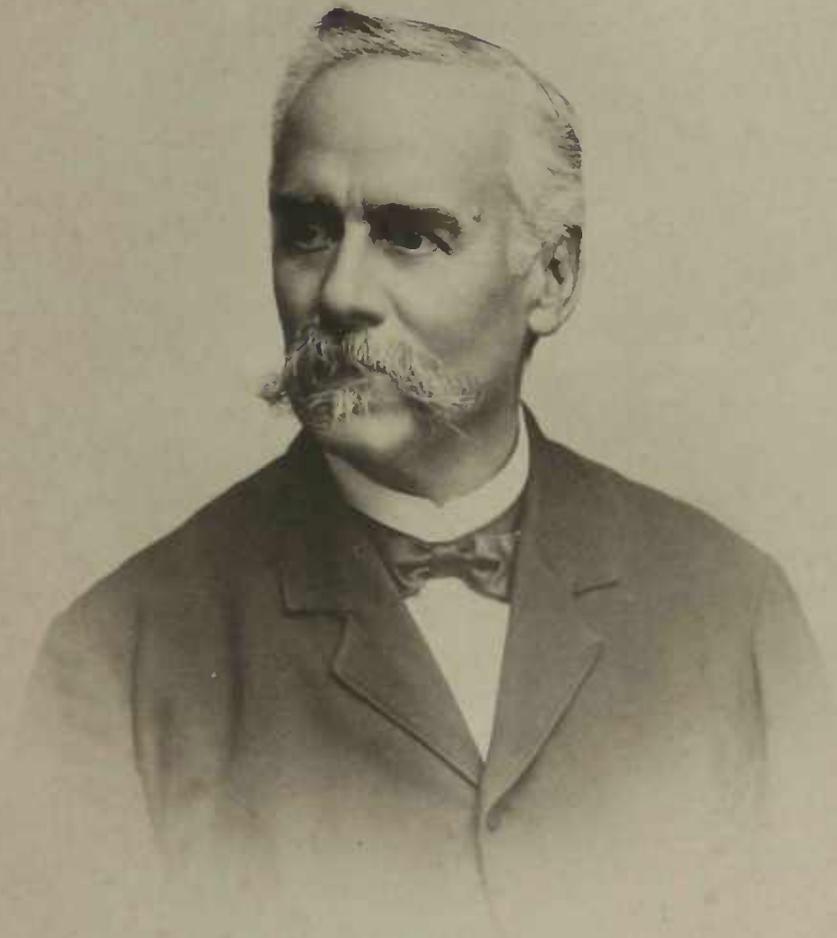
— Sim, adduzio o visconde ; aqui não ha logar para mais ninguem... não queremos ser treze á meza...

— E demais, accrescentou o Motta, não podem tomar parte n'este jantar pessoas que tenham mais de quarenta annos!

Todos se riram, e madame Bertin desapareceu.

ARTHUR AZEVEDO.

(Continúa.)



Phototypia J. Gutierrez.

JOAO CLAPP

ACTUALIDADES

IV

GOUNOD

Morreste, ó velho passaro canoro,
Mas o teu *Fausto* nunca morrerá :
Nota por nota, almo e sonoro,
Nos corações gravado está.

Só se do mundo a machina parar
E a propria Morte entrar na sepultura,
Se deixará de ouvir cantar :
Salve, dimora casta e pura !

GAVROCHE.

GUILHERME DE AGUIAR

No ultimo numero do *Album* houve quem lamentasse ter passado despercebido o primeiro anniversario do fallecimento de Guilherme de Aguiar.

Na verdade, não ha terra onde os homens notaveis morram mais completamente, mais definitivamente que no Rio de Janeiro.

*

O enterro sahio do hospital de Santo Antonio em 9 de Outubro de 1892. Sentindo-se mal, o pobre actor, que desde criança era irmão da respectiva Ordem Terceira, poucos dias antes se recolhêra áquella casa de caridade e lá soltára o ultimo suspiro.

O cadaver estava depositado n'uma pequena capella. Fui vel-o. Ninguem reconhecera o grande artista : estava magro, entanguido, e tinha uns bigodes como os que elle punha quando representava *o Dia e a noite*.

Acompanhámos o coche funebre a pé até a rua do Lavradio, e ahi tomámos os carros. Eramos cinquenta ou sessenta pessoas. Alguns artistas dramaticos. Ninguem da imprensa.

Fazia parte do prestito um artista popularissimo que d'ahi a dous mezes era tambem enterrado : o Vasques. Dir-se-ia que interrompêra a sua agonia para ir prestar aquella ultima homenagem ao collega. Estava desfigurado, cadaverico, tinha a barba crescida e o rosto entumecido pelo cancro que o assassinou. Não sei qual dos dous causava mais dó, — se o morto, se o moribundo.

No cemiterio assistimos a uma scena que nos impressionou profundamente. O Vasques aproximou-se do feretro e pronunciou algumas palavras que terminaram por esta nota commovedora : " Adeus, Guilherme. Está terminado o teu espectaculo ; eu ainda estou representando o meu ultimo acto. " Effectivamente, dentro em pouco tempo cahia o panno.

Cardoso de Menezes proferio um eloquente discurso, e eu li o seguinte *adeus*, que reproduzo n'estas columnas, não pelo que vale, mas pelo simples desejo de deixar archivado, n'uma folha que ineptence, um documento em que puz todo o meu affecto e toda a minha sinceridade :

« Permitti, meus senhores, que eu não deixe desaparecer para sempre o nosso querido Guilherme de Aguiar sem lhe dizer duas palavras de adeus. Outros o fariam melhor, bem sei ; mas eu não me quero furtar a um piedoso dever, imposto pela minha admiração, pela minha amizade, e, sobretudo, pelo meu reconhecimento.

Guilherme de Aguiar desaparece em plena florescencia do seu talento, aclamado pelo publico e ao som dos ultimos echos d'essas aclamações. Deus não quiz que elle se sobrevivesse, como tantos outros, e que nós ainda uma vez assistissimos ao doloroso espectaculo da decadencia de um grande artista. Todavia a perda é irremediavel : Guilherme de Aguiar, depois de João Caetano, não teve quem o excedesse no palco brasileiro, nem tem quem o substitua. Esta é a verdade que não póde ferir a nenhum dos nossos artistas, porque de todos elles isso mesmo tenho muitas vezes ouvido.

A prova mais positiva e brilhante do alto valor de Guilherme de Aguiar, foi que nunca procurou impor-se, humilhando ou deprimindo collegas. Ao contrario de certas mediocridades que se tornam aceitas á força de charlatanismo e de audacia, elle comprazia-se na solidão e no silencio, « escondia a sua vida », para empregar aqui uma expressão de Victor Hugo, elevava a sua aversão pelos tambores e atabales da *reclame* ao ponto de systematicamente não passar pela rua do Ouvidor, e não concorrer com a sua pessoa para essa exposição permanente de notabilidades.

Está na memoria de todos o ruidoso, o inesperado, o inolvidavel triumpho que o nosso artista alcançou ao lado de Antonio Pedro, no *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas.

O eximio actor portuguez trazia n'essa obra um papel expressamente escripto para elle; vinha do seu paiz consagrado pelas plateias, pisava o glorioso palco do legendario theatro S. Pedro com a sombraceria heroica de um conquistador, e o publico fluminense esperava-o fremente de enthusiasmo.

N'essa noite memoravel, Guilherme devia representar um pequenino papel de velho fidalgo. Figurava apenas n'um acto, só n'uma scena, e esta scena bastou para que elle se tornasse a figura culminante da representação. Antonio Pedro, Pinheiro Chagas, o *Drama do Povo*, — tudo desapareceu diante do personagem cornelianiano, sereno e olympico, do velho fidalgo, — e todos os applausos, todas as aclamações, todos os enthusiasmos voltaram-se para Guilherme de Aguiar. Que bem faz, no meio da nossa dor, lembrar essa noite de gloria diante d'estes despojos !

Demasiado longo seria o meu discurso, se eu pretendesse lembrar-vos todas as victorias d'este general da arte, que nas batalhas do theatro não conta uma unica derrota. A sua memoria, como a de João Caetano, viverá eternamente no espirito e no coração do povo.

Adeus, meu pobre Guilherme, adeus ! O teu corpo ainda aqui está, hirto e gelado, mais já o teu espirito paira nas regiões luminosas do Incognoscivel. Que elle inspire aos governadores da nossa Patria para nos darem a esmola de um theatro, onde se gravará em letras de ouro o teu nome honrado e illustre, onde a saudade do teu grande talento animará a todos nós, tristes operarios da arte dramatica. »

A. A.

Fomos obsequiados pelo Sr. Oscar de Araujo com um exemplar do seu livro *L'idée republicaine au Brésil*, publicado ultimamente em Pariz pelos editores Perrin & Comp.

É um ligeiro apanhado da historia do Brasil republicano, desde a tentativa de Felipe dos Santos em 1720 até o golpe de Estado de 5 de Novembro. Em cento e cinquenta paginas de typo graudo e entrelinhado não póde deixar de haver lamentaveis omissões de nomes e de factos; mas o livro, escripto com exactidão, simplicidade e clareza, preenche perfeitamente o patriotico fim a que se propoz: destruir a opinião, corrente no velho mundo, de que a Republica apanhou de surpresa o povo brasileiro, opinião que o autor attribue ao facto de só se saber na Europa, dos homens e das coisas do Brasil, o nome de D. Pedro II.

Realmente este monarcha era tão mal conhecido fóra do seu paiz, que em França ainda hoje se diz que com a revolução de 15 de Novembro desapareceu a unica republica sul-americana.
Mas, no final das contas, que nos importam os paradoxos francezes?

TARDE

(DO HESPAHOL)

Ao mundo vim, e ao volver
Os meus olhos em redor,
Não vi pedra, nem vi flor,
Que minhas pudessem ser.
E disse: — Por mais que aguarde
Que a esperança a mim se una,
Não terei nunca fortuna...
Cheguei tarde.

Quando depois, em te vendo,
Fiquei de ti namorado,
Com aceno desgarrado
Foste-me logo dizendo:
— Desditoso! Deus te guarde,
Um outro jurei amar;
P'ra me levar ao altar
Chegas tarde.

Cantar quiz... van phantasia!
Homero, Milton e Dante,
Já no Parnazo, triumphante
Logar têm que eu preferia.
Em vão se instiga, em vão arde
A mente em flamma tão pura;
Para attingir tal altura
Chego tarde.

Mas, Deus meu! se evaporadas
Vão-me assim as illusões,
E se as minhas ambições
Hei de ver sempre frustradas,
Corta-me o sopro cobarde
Desta vida transitoria,
Porque eu temo á tua gloria
Chegar tarde.

A. PERES JUNIOR.

A MORTALHA DE ALZIRA

Os Srs. Fauchon & C., livreiros-editores, já receberam de França os exemplares da *Mortalha de Alzira*, de Aluizio Azevedo, primorosamente impressos na typographia de Garnier Frères, de Pariz, com uma lindissima capa polychroma, desenhada pelo nosso Rodolpho Amoedo, representando uma das scenas capitaes do romance.

A *Mortalha de Alzira* não é um livro novo; foi publicada na *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de Victor Leal, tambem usado, n'outros trabalhos, por Pardal Mallet, Olavo Bilac e Coelho Netto. E' o desenvolvimento audacioso de um ligeiro conto phantastico de Théophile Gauthier, intitulado *La morte amoureuse*, com exclusão da parte maravilhosa, invenção de novos personagens e ampliação de episodios apenas indicados. D'esse conto, que se lê em dez minutos, fez Aluizio um interessante romance de trezentas e tantas paginas, romance que não cança nem aborrece, e ha de agradar em livro como agradou na *Gazeta*.

A obra, cuja indole obedece ao rumo indicado pela primeira tentativa litteraria do nosso romancista — uma novella sentimental que ninguem hoje conhece e se intitula *Uma lagrima de mulher* — não se compadece com a tendencia scientifica revelada no *Mulato*, no *Coruja*, no *Homem*, no *Corriço* e n'outros trabalhos do mesmo autor; este, porém, explica, n'um prefacio, os motivos d'essa digressão phantasiada do seu espirito.

Em primeiro logar, o genero da obra fóra imposto pela *Gazeta* e a encomenda era bem paga; em segundo logar... Ouçamos o romancista:

« Ora, eu, que precisava repousar um pouco o espirito n'um romance de phantasia, e que, de muito tempo a essa parte, sentia falta de um adversario litterario, cujas obras, francamente romanticas, servissem de activa e fogosa opposição aos meus tranquillos, pacientes e cansativos estudos do natural, obtidos a frio esforço de observação e analyse, lembrei-me de fazer guerra a mim mesmo, e aceitei a proposta da *Gazeta de Noticias*, com a condição unica de substituir o meu nome pelo pseudonymo de Victor Leal. »

Isto justifica a bonita *Dedicatoria* com que abre o livro, e não nos furtamos ao desejo de transcrever:

« Aqui entre nós, leitor idealista, dou-te este livro assim com o ar de quem faz um obsequio, quando o verdadeiro obsequiado sou eu, pois que achei esta occasião de desabafar os sentidos suspiros da minha velha alma romantica.

O livro que se abre agora defronte dos teus olhos tem para mim os effeitos de uma valvula de segurança. Recebe-o de bom coração e não supponhas que recolhes em teu regaço carinhoso alguma impura fancaria de especulador. Não! A obra que te dedico é sincera sob o ponto de vista da commoção, posto não seja honestamente e logicamente irman das outras minhas filhas litterarias, que constituem a honradissima familia de que sou chefe.

E' um filho que não reconheci logo, nem baptisei com o meu nome, mas que, a despeito d'isso, não foi produzido com menos amor, ou desejo. E' o

filho de uma illusão fugitiva, de uma loucura de amor bohemio ; é um filho bastardo, mas é meu filho.

Nasceu fóra do meu casal, em noites de amor e phantasia ; pobres beijos trocados á luz de velhas estrellas que nunca mais se apagaram ; sonhos embalsamados de passageiras flores que para sempre se extinguiram ; mas eu o amo.

Segue, pois, o teu destino, meu querido peccado! Já não és um simples capricho de teu pae ; és uma obra atirada ao publico.

Não te envergonhes de abraçal-o, leitor, que também o amas. Beija-o, mas sem rumor ; beija-o, mas cuidado que as irmans não ouçam nem venham a sabel-o nunca ! Não imaginas, meu bom amigo, os zelos. os ciumes que ellas têm dos teus carinhos !

Ahi o tens. Cuidado ! »

Recommendamos insistentemente a leitura da *Mortalha de Alzira* não só aos letrados, que acharão n'aquellas paginas um grande esforço artistico, mas principalmente ás pessoas sensiveis, despreocupadas de questões de escola, e procurando nos livros um excitante nervoso. Essas hão de chorar lendo a *Mortalha de Alzira*.

COSIMO.

CHANSON

Je crois que l'écume est la fleur du flot ;
Je voudrais vaguer très loin dans la brume
Comme un matelot,
Pour te rapporter un bouquet d'écume.

Je crois que la nue est la fleur du vent ;
Je voudrais monter dans l'aube inconnue
Vers le jour levant,
Pour te rapporter un bouquet de nue...

E. LE MOUËL.

A' « SEMANA »

(A PROPOSITO DO SEU PLEBISCITO LITTERARIO)

Os meus illustres collegas da *Semana* não tinham de que se defender, porque eu não os ataquei nem havia motivo para isso.

Não me revoltei absolutamente contra os collegas, de cuja boa fé não duvidei nem duvido ; re-

voltei-me, sim, contra os eleitores, ou antes, contra o resultado final da eleição.

E tanta rasão me assistia, que os collegas também declararam que tal resultado não lhes agrada, como não pôde agradar a nenhum homem de letras.

*

Quanto ao exclusivismo que eu lamentei não tivesse havido no plebiscito, continúo na minha : interessa-nos muito saber quaes são os seis melhores romances brasileiros, mas tanto nos interessa conhecer os seis primeiros romances escriptos em lingua portugueza como os seis primeiros escriptos em japonéz ou catalão.

Dizem os collegas que a influencia dos romances portuguezes sobre nós tem sido decisiva, real, indiscutivel. E acrescenta : « Basta rapido estudo das principaes producções dos nossos primeiros litteratos para se sentir immediatamente a influencia da litteratura portugueza. Este ponto é incontro- vesso. »

E' controverso, collegas : quando, não me dirão, a litteratura portugueza influio na obra de Alencar, Macedo, Teixeira e Sousa, Manoel Almeida, Bernardo Guimarães, Taunay, Franklin Tavora, Aluizio, etc ? O proprio Machado de Assis, que é o melhor escriptor vivo da lingua portugueza e por brincadeira já escreveu até um capitulo inedito de Fernão Mendes Pinto, que não parecia apocripho, Machado de Assis nada tem de portuguez. A sua obra-prima, o *Braz Cubas*, tem um sabor pronunciado de litteratura ingleza, á Stern.

Se os collegas me disserem que os francezes têm exercido muita influencia nas nossas letras como nos nossos usos e costumes, ahi sim, diriam uma grande verdade ; escriptores brasileiros conheço que não escrevem senão uma especie de francez com vocabulos portuguezes.

A influencia do velho Portugal na litteratura brasileira é ideia muito controversa. Infelizmente, talvez.

COSIMO.

Entre as publicações recebidas esta semana pelo *Album* notam-se o *Archivo litterario palmarensense*, publicação mensal de Palmares (Pernambuco), dirigida pelos Srs. Fernando Gris e Fabio Silva ; o *Diario*, de Therezina (Piahy) ; o *Campinense*, de Campina-Grande (Parahyba) ; o *Paraguassú*, de S. Felix (Bahia) ; o *Povo*, de Valença (Bahia) ; o *Parahybano*, da Parahyba do Sul ; o *Setimo Districto*, de Ribeirão Preto (S. Paulo) ; o *Bem Publico*, de Casa Branca (S. Paulo), o *Amigo do Povo*, de Tatuhy (S. Paulo), *Colombo*, do Rio Novo (Minas), o *Estado de Minas*, a *Gazeta Semanal*, de Pindamonhangaba, a *Gazeta de Ubá* (Minas), e o *Trabalho* e o *Democrata*, ambos de Penedo (Alagoas).

O SORRISO

AO DR. J. F. CURSINO DE MOURA

Diz o sorriso - venturas,
Traduz muitas amarguras
Occultas no coração;
Diz — amor, diz — amisade,
Diz tambem — felicidade
E cruel desillusão.

Diz — ironia o sorriso,
Mostra-nos o paraizo
Por uns labios virginaes;
Occulta o remorso d'alma,
E, ás vezes, fingindo a calma,
Odios esconde fataes.

A. J. TEIXEIRA LOPES.

1893.

THEATROS

POLYTHEAMA. — Depois da *Aida* de Verdi, a companhia Sanzone deu-nos o *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, e annuncia para hoje a *Força do destino*, de Verdi.

O primoroso *spartito* de Rossini ha muitos annos não era cantado no Rio de Janeiro; entretanto, havia no theatro muitos logares vãos, e os espectadores que lá se achavam tinham ainda nos ouvidos o echo da artilheria das fortalezas.

A opera não foi sacrificada pelos cantores nem pela orchestra.

As honras da noite couberam á soprano ligeiro Fons, uma das melhores Rosinas que temos ouvido. Esta cantora, além de saber vencer difficuldades de vocalisação, representa com muita naturalidade aquelle interessante papel.

O barytono Giannini (Figaro) possui as tres qualidades que o autor do *Barbeiro* exigia no cantor: voz, voz e voz; faltam-lhe as outras; será um bom artista quando souber modular. O tenor Percopo deu um Almaviva muito afinadinho, mas pouco eleganté. O baixo Ferraioli, que aliás é um artista intelligente, exaggerou quanto poude o papel de D. Basilio, e o baixo Cervi não andou mal no de D. Bartholo.

O *Barbeiro* foi representado conforme a tradição italiana: como uma parodia de feira; entretanto, o *Barbeiro* é, não uma farça, mas uma comedia. finissima, e como tal é exhibida pelos artistas da Opera-

Comique de Pariz. Quando os italianos se resolverem a represental-a como os francezes? Afianço-lhes que a peça ganhará com isso.

Não ha duvida que a companhia Sanzoni é uma excellenté companhia lyrica de segunda ordem, e os preços dos bilhetes são convidativos.

*

SANT'ANNA. — A companhia de artistas portugezes que trabalha neste theatro poz em scena uma peça de costumes militares, o *Baralho de cartas*, escripta pelo actor Julio Vieira, e tem dado outros espectaculos variados e interessantes. Não me foi possivel assistir á representação do *Baralho de cartas*.

*

RECREIO. — Tem agora em scena os *Seis degrãos do crime*, melodrama que attrae ao fim da rua do Espirito-Santo os velhotes desejosos de matar saudades de João Caetano.

*

APOLLO. — Festejou a 50ª representação do *Abacaxi*, que tem feito frente á revolta com um denodo nichtheroyesco. Comprimentamos aos autores, nossos amigos Moreira Sampaio e Vicente Reis.

*

VARIEDADES. — Reapparece hoje a *Mimi Bilontra*, com o primeiro actor comico Machado no papel de Choufleury, creado pelo primeiro actor comico Peixoto.

*

S. PEDRO. — Estreia-se hoje uma companhia de magicaturas, dirigida por um dos numerosos filhos do defunto Hermann.

*

EDEN CONCERT FLUMINENSE. — Sabem onde é? Na rua Silva Jardim (antiga travessa da Barreira), no predio em que outr'ora funcionou a Sociedade de Gymnastica Franceza. Cançonetas, bailados, etc. Ainda lá não fui. Decididamente deixo-me ficar em casa n'estas noites revolucionarias, a menos que me attraia um grande motivo artistico, o *Barbeiro de Sevilha* por exemplo.

X. Y. Z.